

Discurso de posse na Academia Goiana de Letras – AGL,
em 26/02/26

Minhas Senhoras, meus Senhores!

Eis que irrompo os cancelos do “Auditório Jayme Câmara”, da “Casa Colemar Natal e Silva”, brandindo o *placet* a mim conferido pela heráldica Academia Goiana de Letras – AGL, para assento na Cadeira de nº 11, Patrono Rodolpho da Silva Marques, anterior ocupante Gilberto Mendonça Teles, nada obstante traga o meu caçuá inane de qualidades e virtudes literárias para integrar esta confraria de intelectuais de boa cepa, cedendo-me o regaço no estímulo para a sensação de *primus inter pares*, na expressão de César Augusto, fundador do Império Romano, marcando o início da *pax romana*.

A entronização é a invitation à convivência para acrisolar o conhecimento literário, na participação da vida acadêmica, ainda que o sentimento que me serve de guia é o encontradiço na letra da música de Chico Buarque de Holanda, “Teresinha”, releitura adulta da cantiga popular “Terezinha de Jesus”, quando o compositor trata do “eu” feminino, na seletividade dos pretendentes da personagem da canção, ao que se estabelece no casamento que se oficializa

agora entre a Confraria e o empossando, para sinalizar que o terceiro deles (dos pretendentes) aparece “como quem chega do nada, ele não trouxe nada, também nada perguntou, mal sei como ele se chama, mas entendo o que ele quer, se deitou na minha cama e me chama de mulher. Foi chegando sorrateiro, e antes que se dissesse não, se instalou feito um posseiro, dentro do meu coração.” Sou o posseiro, na ocupação desta Academia de Letras.

A posse efetivada com júbilo, ainda que a cintilação da ocupação seja toldada pela indigente intelectualidade do possuidor, não esmaece o propósito que leva a esse pertencimento, de colaborar para grandes e significativas celebrações, passando pela expansão do espaço físico que sedia a “Casa Colemar Natal e Silva”, incrementando a produção literária, os debates potencializadores para as publicações e a difusão das obras dos imortais, atuais e dos que já se foram, redimensionando o alcance do mercado consumidor, na trilha dos luzeiros da prestigiosa diretoria que conduz os destinos da Academia Goiana de Letras – AGL, sob a segura presidência da intelectual Lêda Selma.

O escritor russo Fiódor Dostoiévski, no romance “O Idiota”, publicado no ano de 1869, disse que “a beleza salvará o mundo”, frase pronunciada pelo Príncipe Myshkin, sem limitá-la à estética física, abrangente de diversas áreas, “ética, amor altruísta, compaixão, espiritualidade (verdade e bondade)”, “a capacitação para transformar e ordenar o caos social”, ao que faço a inclusão

da literatura, no seu aspecto de apresentação e do conteúdo de exposição oral ou escrita, agindo no propósito de “entreter, provocar emoções, gerar reflexão social, desenvolver empatia, preservar a cultura e a história”, destinando às Academias Literárias o atuar nesse valiosíssimo empreendimento da intelectualidade.

Em tempos não muito distantes, trevosos, em governo movido pelo asco às políticas de valorização da produção intelectual, a atividade cultural foi reduzida a pequenez de disputas ideológicas, tentativas impiedosas de garrotear o processo criativo, ofensas a verdades históricas, desvarios na interpretação da liberdade das manifestações do pensamento, ao comando de regente que desconhecia qualquer quadrante da palavra “saber”, revelando o “mundo perigoso da ignorância sincera e da estupidez conscienciosa”, na frase de Martin Luther King, encontrando a providencial objeção das Academias Literárias, não permitindo que se instalasse “a noite da mente”, como escreveu Confúcio, incidindo o complemento da expressão idiomática criada pelo historiador inglês Charles Duke Yonge, livremente traduzida: “Vergonha dessa época e de seus princípios perdidos.”

O vazio do bernal literário do empossando contrasta o acervo cultural do Patrono da Cadeira de nº 11, o escritor Rodolpho da Silva Marques, nascido no ano de 1898, em São Sebastião do Alemão, atualmente Palmeiras de Goiás, legando significativa produção intelectual, como contista, cronista, ensaísta e

memorialista, transitando pela poesia, poeta bissexto, trazendo como sinete da sua obra a sensibilidade expressada na linguagem.

Assim como do anterior ocupante da Cadeira, o reverenciado Gilberto Mendonça Teles, nascido na cidade de Bela Vista de Goiás, graduado em Filosofia e Direito, escritor nacionalmente conhecido, universalizado, várias obras publicadas, circulando com desenvoltura, talento e vasto conhecimento pela crítica literária, poesia, ensaios, lente em várias universidades da Europa e dos Estados Unidos da América, goiano que honrou a sua terra e o seu povo.

Na exibição do pecúlio literário do Patrono da Cadeira de nº 11 e do antecessor ocupante, foi necessário o adjutório para salvar o ingresso do agora “Benjamin” da Academia Goiana de Letras – AGL, vindo o socorro do imortal, escritor, poeta, letrista, produtor cultural, Nasr Nagyby Fayad Chaul, destacado para o discurso de saudação, generoso nas referências ao amigo de tantos ontens, bateando méritos e qualidades naquele que alcançou a graça da admissão nesta Confraria pela indulgência das confradeiras e dos confrades, restando-me, no agradecimento, rogar aos céus piedade pela sua alma, porque a encravação por ele empregada não tem o propósito de ilaquear a boa-fé da assistência, mas buscar, na pureza do seu coração, adjetivo que, minimamente, justifique a imortalidade do aclamado.

Nesse cenário, o apalavramento de que o meu ingresso na Academia Goiana de Letras – AGL, para

além do contentamento pessoal, o aferramento aos compromissos que a orientam, a fidelidade com os seus propósitos de produção literária de qualidade, divulgação das obras dos imortais, a preservação da sua história, contribuindo para prosseguir na melhoria dos espaços físicos na atuação dos seus serviços, o préstimo para as suas reuniões e acontecimentos, em proatividade, agindo colaborativamente, sem renúncia, “porque desistir não é nobre”, como advertiu o poeta gaúcho Caio Fernando Abreu.

E no encaminhamento ao compêndio desta minha fala, a intrepidez do vaticínio, seguindo a máxima do escritor mineiro Fernando Sabino: “No fim tudo dá certo, e se não deu certo, é porque não chegou ao fim”. Cheguei ao fim, porque deu certo.

Tenho dito!

Luiz Cláudio Veiga Braga
Cadeira nº 11 da AGL

